

8. CÔNDROR (ou ODALÉIA)

Libreto de Mario Canti.

Primeira representação: 21 de fevereiro de 1891.

A ação desenrola-se na Samarcândia, no século XVII.

Primeiro ato. Jardim particular da rainha Odaléia. Adin, o pagem, afina sua cítara e canta. No momento em que seu canto é mais patético, aparecem no terraço algumas favoritas, que riem e çaoam de Adin, porém ele finge não vê-las. Alguns guardas da floresta atravessam a cena e desaparecem. Adin solta uma exclamação de surpresa, que chama a atenção de todos. Ouve-se do interior um ruído estranho, que se acredita ser aviso de perigosa ocorrência, e o astrólogo Almanzor diz que alguém avança e tenta profanar as portas do santuário, revelação que surpreende Odaléia. Enquanto esta desce ao jardim, Almanzor conserva-se no terraço, fitando a floresta. A rainha passeia lentamente, acompanhada pelas suas favoritas. Adin, que tudo contempla extasiado, dirige-se à rainha invejando-lhe a paz da alma e lamentando o destino que o força a viver triste e ignorado. Uma voz longínqua desperta a atenção de Odaléia, a quem Almanzor diz que o invasor já transpôs a entrada do jardim sagrado. A rainha, resoluta, manda que todos se retirem para que ele enfrente sozinho o audacioso visitante. Mas, à aparição do estrangeiro, retrai-se intimidada.

O estrangeiro é Côndor, chefe das ordens negras, que entra e cai de joelhos aos pés da rainha, explodindo em frases de amor, que não pode dominar, embora saiba que seu delito não tem perdão; porém, quis vê-la e ali morrer. A rainha estranha essa revelação de um homem que pela primeira vez a vê; diz Côndor que a paixão lhe nasceu desde que a viu no cortejo de um dia de festa. A rainha o repele, prevenindo-o de que cem punhais já contra ele estão erguidos; mas Côndor só quer a morte das mãos reais e apresenta seu próprio punhal, que a rainha recusa, porque "sua mão só fere a quem ela odeia ou a quem pode amar".

Lastima Côndor a indiferença de Odaléia; e ela, comovendo-se pouco a pouco, hesitando sobre qual sentença deverá proferir, aconselha-o a que fuja, o que ele recusa, resolutamente. Adin, Almanzor, favoritas e soldados entram e, a um gesto da rainha, todos se detêm no fundo da cena, admirados. Odaléia diz que Côndor, embora réu, está perdoado por ser louco. Espanto geral. A rainha, acompanhada pela corte, retira-se, deixando Côndor contemplativo, em êxtase.

O **segundo ato** passa-se numa mesquita. O povo discute tumultuosamente, comentando o perdão de Côndor, que está naquele lugar e a quem promete fazer guerra. Aparece Zuleida, mãe de Côndor, e notando a tumultuosa discussão, oculta-se para ouvir as exclamações coléricas contra o "louco audaz". Da torre da mesquita uma voz anuncia que surge a aurora

e chega o momento da prece. O tumulto acalma-se pouco a pouco e o povo entra lentamente no templo. Zuleida aparece novamente, acompanha com o olhar a turba e, revoltada contra as manifestações hostis a seu filho, jura que o haverá de salvar; ela vem de longe, por entre perigos, guiada exclusivamente pelo amor materno e tudo fará pelo filho, que há de voltar a seus braços e com ele voltará a paz e a felicidade de sua alma.

Ouvem-se rumores. Zuleida reconhece Côndor, que se aproxima; e afasta-se para não encará-lo de chofre, ocultando-se atrás dum canteiro de flores. Côndor entra a cavalo, armado de lança e escudo e seguido por seu guarda fiel, a quem entrega o animal e a arma. Por um momento Côndor recorda o ódio que contra si aquele amor tem levantado e com orgulho invoca a lembrança do viver selvático de outrora, temido e respeitado como dominador da floresta. Aproxima-se Zuleida, que ele a princípio não reconhece, mas cuja voz lhe recorda sua infância. Zuleida diz-lhe que é sua mãe, lembra-lhe as provações por que passou para fazê-lo forte, grande, heróico e destemido e afinal perdê-lo. O diálogo é interrompido com vozes de pedidos de socorro à rainha. Côndor, apesar das súplicas maternas para que fique, obedece aos impulsos do amor e parte veloz. Instantes depois vemo-lo atravessar a cena a galope, armado de lança e escudo.

O povo, que se encontrava na mesquita, sai assustado pelos gritos de socorro. O Mufti e sua corte aparecem à porta do templo, misturando-se com o povo em desordem. Continuam os pedidos de socorro. Algumas mulheres, vindas do campo, entram em desordem. Logo após, chega Adin, apressado, e dirige-se ao Mufti a quem conta que uma turba de selvagens tentou raptar a rainha, que foi salva por um cavaleiro desconhecido. Começa a desfilar o cortejo acompanhando a rainha, que entra na mesquita. Segue-se o bailado dos Astros. Findas as danças, Odaléia ordena que tragam à sua presença o heróico guerreiro que a salvara, e que mal pôde ver, na confusão do assalto e do combate. Adin interroga a cada uma das pessoas presentes se ali está o cavaleiro de que se trata. Ninguém se apresenta.

Um grupo de soldados acompanha Côndor, desarmado, e sem opor resistência. A multidão que o vê, invectiva-o como chefe da turba negra e profanador do santuário. Enquanto Odaléia o defende, dizendo que não passa de um louco, o povo o qualifica de salteador. Zuleida avança para a rainha e indica-lhe Côndor como seu salvador. Todos se admiram dessa revelação e não acreditam; mas alguma coisa diz à Odaléia que a revelação merece crédito. Pesa-lhe o remorso de haver tratado Côndor com desprezo e só agora sabe que esse homem, que a salvou, tem nas veias sangue igual ao seu. Quisera falar-lhe, mas a condição de rainha impõe-lhe deveres e restrições, que a acabrunham.

Côndor exalta sua própria vitória, enquanto que o povo continua revoltado contra ele. Dirige-se respeitosamente à rainha, a quem saúda,

desejando que nela nasça o amor que lhe recusou. Odaléia sente-se vencida. Zuleida chora ao ver o filho ameaçado pela cólera popular, mas Odaléia domina o povo, proclamando Cõndor o emir de sua guarda. O povo, alvo-voado, protesta contra essa distinção concedida a um "salteador" e foge, abandonando Odaléia. Almazor previne a rainha de que está procurando a ruína. Adin qualifica seu ato de loucura e o Mufti de infâmia. Odaléia, oferecendo o peito, desafia quem a queira ferir. Zuleida aconselha o filho a que fuja. Cõndor, não a querendo ouvir, prostra-se aos pés da rainha, declarando que a ama. De longe, o povo, no paroxismo da fúria, pede a morte de Cõndor.

O **terceiro ato** passa-se num chalé real. Varanda aberta para o lago. A pouca distância, a cidade. Esplêndida noite de luar. Odaléia sente-se abandonada, cercada por ódio e pela guerra. Vê-se dominada em seu orgulho, vencida, presa de uma paixão. Ouve-se a voz de Adin que entoia uma canção alusiva ao episódio de Odaléia e Cõndor. A rainha ouve atentamente o canto do pagem. A imagem de Cõndor domina-a, realmente; é uma visão fantástica para a sua alma e ela quisera deixar-se arrebatado pelo amante, através dos espaços sem fim.

Entra Almazor e a saúda com uma frase bajuladora, que ela repele, retirando-se. Almazor, confuso, não a compreende; mas Adin, que tem estado à espreita, acaba por fazê-lo compreender que a rainha está presa do Amor. Ao fundo aparece Cõndor, acompanhado de sua mãe, que insiste em afastá-lo do palácio; ele, porém, recusa-se, porque julga de seu dever estar onde a rainha corre perigo. A presença daquela mulher plebéia no palácio provoca de Almazor uma censura, a que Cõndor responde com um insulto. Vendo a cena agitada, Zuleida novamente insiste para que o filho se retire e ele mais uma vez recusa. Adin e Almazor, a um canto, murmuram e fazem gestos de ironia e desprezo. Cõndor volta ao proscênio e ordena aos dois que se retirem. Odaléia, ouvindo a altercação, quer saber o que aconteceu e quando Cõndor lhe diz que simplesmente havia ameaçado a um servo falso e adulator, diz a rainha que isso não mais lhe importava, porque, agora, seu coração estava mortificado por outro motivo, que não mais pode ocultar. E confessa seu amor por Cõndor. No momento em que os dois se abraçam enternecidos, ouvem-se novamente vozes pedindo a morte de Cõndor. É uma revolta. Cõndor parece perdido, porém, nada receia, dispondo-se a enfrentar a turba feroz. Odaléia conduz-o ao fundo e mostra-lhe a cidade incendiada. Aquele espetáculo o enlouquece; continua firmemente a desafiar a cólera popular e, para salvar a rainha, tira o punhal e suicida-se. Soldados e povo invadem a cena clamando por vingança. Odaléia, em desespero, apanha o punhal de Cõndor e pede ao povo que com ele a mate. Todos se retraem horrorizados.